

# CINEMA

A importância do cinema é extraordinária. Novo processo de expressão, esta conquista do homem contemporâneo é uma técnica e um reservatório para o homem do futuro. A sua qualidade plástica torna-o universal e a sua característica de espectáculo e além de tudo a possibilidade de ser exibido simultaneamente em inúmeros pontos, tornam a sua difusão enorme.

Vejam o actual papel do cinema como veículo de cultura, a sua dependência da indústria e a sua influência sobre o público.

Verifica-se, em primeiro lugar, que o cinema está longe de desempenhar o papel que lhe compete. Raramente é tratado como finalidade de uma acção esclarecedora, educativa. A vida que aparece nos filmes é quasi sempre deturpada, camuflada, sem choques e contradições, mas limpa como água filtrada. O cinema é a maior parte das vezes uma série de historietas sem consequências, algumas deliciosas, mas enganadoras. Passatempo, diversão, eis a orientação *interessada* do cinema actual. Submetido aos interesses dos produtores, o cinema não serve o público mas os industriais, os trusts e os banqueiros. Feita ao sabor do gosto do público—em geral de mau—a chamada sétima arte (1) não combate a ignorância do povo (que não tem culpa de ser inculto), mas mantém-na, porque nisso está a segurança dos magnates do cinema (e dos outros).

Verifica-se, em segundo lugar, a necessidade imperiosa dum cinema sem submissão, que sirva o interesse e as necessidades de todos, um cinema livre.

## Varanda dos Rouxinóis

Urge levar a toda a gente, a todos os recantos da terra, os maís afastados, o conhecimento *total* da vida; mostrar aos experientes decisiva e necessária para a actuação no futuro; as novas técnicas, as novas possibilidades de dominar a natureza e melhorar as condições de vida; mostrar-lhes outras terras, outros povos, sem preocupações de pitoresco mas sim com o intuito de instruir, formar opinião, permitir comparar e concluir.

O cinema poderá ser um meio de efectivá-lo, quando deixar de ser vulgar mercadoria nas mãos dos produtores (1).

Neste plano de conjunto o cinema português aparece-nos como um caso especial. As nossas empresas que metem ombros à produção cinematográfica são pouco numerosas e pouco férteis (produtivas). Existe maior equilíbrio entre os filmes de iniciativa particular e os filmes comerciais, do que no estrangeiro, embora o nível de ambos seja sensivelmente inferior ao dos produzidos lá fora. Contudo, o nosso cinema conta com obras como *Douro, faina fluvial*, *A Canção da Terra* e poucos mais, incluindo as primeiras obras do sr. Leitão de Barros, realizador da *Varanda dos Rouxinóis*.

Esta fita, reclamada como sempre, o *melhor filme...* etc., etc., por quasi toda a imprensa, publicada em folhetins ilustrados no «Diário de No-

ticias» pode ser definida em meia dúzia de palavras: é cinematograficamente um abórito, esteticamente um pastelão e financeiramente um êxito (*A Canção da Terra* também foi, neste capítulo e nos outros, um êxito. Felizmente). homens a vida de todos os homens; a história dos povos, a *Varanda dos Rouxinóis* não tem acção. Descobre-se, com um bocado de boa vontade, uma historietta de amor, como pretexto, no meio de muitos quadros de autêntica revista de péssima qualidade e de muitas piadas também de revista (disfarçadas, a fingir que são do filme).

Neste filme tudo é mau, desde o argumento à interpretação. Sem elevação, as cenas não convencem. O público ria nas cenas dramáticas e protestava durante as piadas (cuidado! srs. profissionais de cinema, é bom não ir tão longe no desprezo pelo público).

Mas a nota saliente da *Varanda dos Rouxinóis* é o reclamo, que a propósito e a despropósito o espectador é obrigado a ver *claramente visto*. Faz-se ali propaganda das coisas mais variadas, marcas e produtos de todo o género. Faz-se também reclamo de alguns jornais diários e desportivos (não queremos dizer com isto que seja intencional e pago, mas muito simplesmente apontar o facto); propaganda de Beatriz Costa, da estrela Madalena Souto—imerecida, aliás,—de Dina Te-

reza e de Leitão de Barros, afinal, pois se faz ali reclamo descarado da *Severa*, do «Século Ilustrado» e... da *Varanda dos Rouxinóis!!!*

—Mas, dirá o leitor que não viu a *V. dos R.*, aquilo não é um filme, é uma adaptação ao cinema dos métodos de Raul de Caldevilla!

Não senhor. «Aquilo» é CINEMA POPULAR.

Através da crítica bastante sensata que o sr. Fernando Pampulha fez na «República» à *Varanda dos Rouxinóis* (porque não *Viagem ao Polo* ou *O Pirata do Pacífico*?) soube que o sr. Leitão de Barros ao apresentar o seu filme disse:

1.º) Que o único caminho do cinema português era o *cinema popular*—Pensará o sr. Leitão de Barros que *metendo* as Figuras populares da bicicleta Trindade e N'colau e algumas coristas se faz cinema popular?

2.º) Que em cinema não pode pensar-se em criar um estilo português.

Discredo. Com tais filmes e tais teóricos o cinema português caminha decididamente para um estilo: o *piúto*.

MANUEL DE AZEVEDO

(1) O lucro é o determinante fundamental na produção duma obra. Estamos aparentemente caídos num círculo vicioso: os filmes bons não dão lucros, portanto não se fazem; não havendo bons filmes o gosto do público não evolui. E será sempre assim.

Puro engano. Há muita coisa que age sobre o público... A análise da história diz-nos que a luta entre dois contrários (produção monopolista—necessidades colectivas de cultura) se resolve por uma síntese. Essa solução, de resto, é geral e abrange as grandes aspirações humanas do nosso tempo.

## alguns aspectos da guerra

Da Havas:

Fronteira alemã, 5—Foram presas nestes últimos dias, em Munich, umas vinte pessoas sob a acusação dum «complot» separatista bávaro.

Entre elas, cinco são titulares da insignia de ouro do partido nazi.

Do «Paris-Soir»:

Ribbentrop, resolvido a ganhar a todo o preço as boas graças de Staline, obteve a autorização do Führer para comunicar a Moscovo «o conjunto das invenções militares alemãs, em particular as do domínio da construção submarina». Entre estas últimas a principal é, sem dúvida, a descoberta

dum motor alimentado por um gaz detonante que substitue os acumuladores eléctricos que servem de meio de propulsão aos submarinos «en plongées».

O gaz provém da electrólise da água do mar e o motor forma a mesma energia que os acumuladores mas com a enorme vantagem de pesar doze vezes menos.

A importância deste invento é evidenciada pelo facto de, em 1937, sete comunistas terem sido decapitados a machado por «alta traição» pois, segundo a acusação, tentaram apoderar-se desse invento.

Outra noticia do «Paris-Soir» diz que Thyssen enviou a Hitler uma carta pessoal em que afirma: «Não sacrifiquei os meus mi-

lhões pelo bolchevismo, mas sim contra ele.»

Da Havas:

Londres, 22—O correspondente do «Daily Express» em Copenhaga cre saber que as negociações dum acordo de comércio russo-alemão esbarram com sérias dificuldades. Acha que Staline não está disposto a aumentar o comércio entre os dois países, aumento que Von Ribbentrop esperava obter em troca do reconhecimento pela Alemanha do «contrôle» soviético no Báltico.

Mensagens de Berlim, diz, assinalam que o chefe da delegação comercial russa em Berlim tornou a Moscovo para apresentar um relatório da situação.

SOL NASCENTE

—**agradece** aos assinantes e amigos que lhe enviaram felicitações;

—**pede** aos seus assinantes o favor de pagarem com prontidão as suas assinaturas e de comunicarem sempre as mudanças de residência;

—**desculpa-se** por se ver forçado a empregar um papel de qualidade inferior; e

—**lembra** que angariar novos assinantes é ajudar a resolver as suas dificuldades económicas e difundir o seu pensamento.